O DESENVOLVIMENTO DE EMBALAGENS DE DESODORANTES: UM ESTUDO DE CASO PARA PESSOAS COM ATROFIA MUSCULAR ESPINHAL

Thiago Mateus de Lourenssi Oliveira¹
Andréia Maria Farinon¹
Diana Campinas dos Santos¹
Gustavo Jose Bueno Assunção¹
Eduardo Guedes Villar²
Elizabeth Wood Mocato de Oliveira Pimentel²

Resumo:

Neste estudo aborda-se a problemática das embalagens de desodorantes no Brasil em relação à inclusão e acessibilidade para pessoas com Atrofia Muscular Espinhal (AME). O objetivo geral é identificar problemas nessas embalagens, fornecendo orientações para designers e empresas desenvolverem produtos inclusivos. Utilizou-se o modelo de usabilidade para construir perguntas para a realização de um roteiro de caráter qualitativo. Espera-se com isso contribuir para que empresas e designers utilizem dessa linguagem para desenvolver produtos voltados às pessoas com Atrofia Muscular Espinhal. Ademais, busca-se promover não apenas a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento da autoestima das pessoas afetadas pela Atrofia Muscular Espinhal (AME), mas também almeja-se fomentar a inclusão social dessas pessoas na sociedade.

Palavras-Chave: Atrofia Muscular Espinhal; Acessibilidade; Embalagens; Desodorantes.

1 INTRODUÇÃO:

O estudo de Silva et al. (2021) destaca a atrofia muscular espinhal (AME) como uma doença neuromuscular degenerativa, com incidência de 1 em cada 10.000 nascidos vivos. A gravidade da AME, tratável com medicamentos de alto custo, ganha relevância (VALERIANO, 2022). No Brasil, pessoas com diversas deficiências, incluindo AME, enfrentam exclusão, evidenciada pela falta de acessibilidade em embalagens de cosméticos, motivando este estudo em busca de melhor qualidade de vida e inclusão. Sarközy (2007) destaca que a embalagem estabelece uma conexão com o consumidor por meio de vários elementos sensoriais. Sugere que a indústria muitas vezes prioriza o lucro em detrimento das necessidades específicas dos consumidores, negligenciando grupos como pessoas com AME. A crítica ressalta a falta de direcionamento de produtos e espaços para atender às particularidades individuais, conforme discutido por Simões e Bispo (2003). O usuário destaca a falta de interesse do governo em questões de acessibilidade, citando a Lei n.º 13.146/2015, art. 55, que enfatiza o desenho universal. O desenho universal busca criar produtos e ambientes para uso geral, sem necessidade de adaptação. No entanto, apesar desse avanço, ressalta que a adesão ao princípio não assegura total acessibilidade, conforme apontado por Mace (1988). Destaca-se a perspectiva de Santos (2022) sobre a impossibilidade de criar produtos ou serviços que atendam a todas as condições e necessidades de usuários. Enfatiza a necessidade de esforços contínuos em projetos específicos para

¹ Acadêmico (a) do curso técnico integrado em Administração do Instituto Federal de Santa Catarina. * * Autor de correspondência: thiago.ml2007@aluno.ifsc.edu.br

² Professor(a) doutor(a) em ensino básico, técnico e tecnológico na área de Administração do Instituto Federal de Santa Catarina.

considerar e atender às características individuais, enquanto argumenta que o design universal, apesar de seu objetivo inclusivo, é utópico, pois é impossível alcançar total acessibilidade e funcionalidade para todas as pessoas em todas as situações. O paradigma de acessibilidade, enfatizado por Martens (2019), destaca a importância crescente desse conceito, tornando-o um critério-chave para avaliar o desempenho do sistema. No contexto do mercado brasileiro de cosméticos, observa-se uma lacuna notável em relação à inclusão e acessibilidade, especialmente nas embalagens, que muitas vezes não consideram as necessidades de indivíduos com deficiências motoras e Atrofia Muscular Espinhal. A busca por soluções que minimizem essas barreiras é crucial para melhorar a inclusão social e a acessibilidade, promovendo uma vida mais plena e satisfatória. A promoção e garantia de acesso a produtos específicos para esse público emergem como meios essenciais para alcançar a inclusão social desejada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Segundo Santos (2022), a acessibilidade e a inclusão são princípios fundamentais em uma sociedade justa e igualitária. Embalagens que são eficientes facilitam a vida diária de pessoas com deficiência, proporcionando independência, autonomia e uma experiência de consumo igualitária.

As principais considerações para o design de embalagens com foco em pessoas com deficiência são: devem ser projetadas considerando diferentes habilidades físicas, as informações devem ser legíveis e identificáveis, a facilidade de abertura é essencial, e instruções claras e adequadas ao público-alvo são importantes (ZITKUS, 2016). Ao analisar mais a fundo cada um desses conceitos: 1) Acessibilidade física: Embalagens devem ser projetadas para serem facilmente manuseadas por pessoas com diferentes habilidades físicas. Isso inclui considerações como tamanhos e formatos que possam ser agarrados com facilidade, texturas que proporcionem uma melhor aderência e aberturas que não exijam força excessiva (SANTOS, 2022). 2) Legibilidade e identificação: As informações nas embalagens devem ser apresentadas de forma clara e legível, utilizando fontes de tamanho adequado e cores de contraste. Além disso, pode-se citar o uso do braille, sistema de escrita tátil utilizado por pessoas cegas ou com deficiência visual para ler e escrever, no rótulos das embalagens como extremamente útil para permitir que pessoas com deficiência visual tenham acesso à informação contida nelas. 3) Facilidade de abertura: (SANTOS, 2022) Muitas embalagens convencionais são projetadas para serem difíceis de abrir, o que pode ser especialmente problemático para pessoas com deficiências motoras ou limitações de destreza. Um exemplo de embalagem com foco em PCD'S a ser levantado é a embalagem do álcool em gel produzido em função de atender as necessidades dos deficientes visuais (SANTOS, 2022), produto desenvolvido pela empresa Hi Clean, no ano de 2016. O levantamento desses pontos se faz importante justamente para que haja o esclarecimento de como o produto funciona e quais requisitos foram abordados em seu desenvolvimento para que houvesse um bom resultado, atingindo seu objetivo de fornecer acessibilidade a determinado grupo de pessoas portadoras de deficiência visual.

3. METODOLOGIA:

Neste estudo utilizou-se uma abordagem básica, com caracterização qualitativa. Uma pesquisa de natureza básica corresponde a uma metodologia que visa responder ao problema formulado e atingir os objetivos do estudo de forma eficaz, com o mínimo possível de interferência da subjetividade do pesquisador (SELLTIZ et al., 1965). Em relação ao caráter qualitativo da pesquisa, segundo Bogdan e Biklen (2003), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto

do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (pessoas portadoras da deficiência AME). Este estudo também se enquadra em uma perspectiva de pesquisa de caráter exploratório, pois tem como objetivo propiciar aproximação e familiaridade com o assunto, e com isto gerar maior compreensão a respeito do mesmo (TEIXEIRA; ZAMBERLAN; RASIA, 2009). Já no que diz respeito ao objetivo do trabalho, o estudo de caso é a abordagem que se caracteriza nesta pesquisa, a fim de explorar a complexidade e variedade dos tópicos tratados no tema por meio dos sujeitos de pesquisa (pessoas com Atrofia Muscular Espinhal), que, por sua vez, são abordados por meio de métodos virtuais e presenciais e conduzidos por meio de entrevistas em profundidade, cujo roteiro é semiestruturado. O roteiro semiestruturado permite uma abordagem flexível, possibilitando que os participantes expressem suas perspectivas e experiências de maneira detalhada e as entrevistas são realizadas em um ambiente natural que lhes é confortável, a fim de promover uma sensação de autenticidade nas respostas. O período de coleta de dados é definido de acordo com a disponibilidade dos participantes, buscando garantir um tempo adequado para a realização das entrevistas em profundidade e as perguntas construídas no roteiro de entrevista são baseadas no modelo de Leventhal e Barnes (2008, p. 36)

4. RESULTADOS ESPERADOS:

O propósito desta pesquisa é aprofundar o entendimento das dificuldades que indivíduos portadores de Atrofia Muscular Espinhal (AME) enfrentam ao utilizar desodorantes que se diferenciam dos convencionais. Através da realização de entrevistas e análises aprofundadas, objetiva-se substancialmente aprimorar a qualidade de vida desses indivíduos, bem como elevar sua autoestima. Adicionalmente, almeja-se proporcionar insights relevantes para designers e empresas atuantes no mercado de desodorantes e produtos correlatos, com a intenção de facilitar a experiência de uso para as pessoas afetadas pela AME. Paralelamente, a pesquisa busca desempenhar um papel significativo na promoção da inclusão social desses indivíduos na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesta pesquisa objetivou-se identificar problemas com as embalagens de desodorantes no Brasil, e a partir disso fornecer uma linguagem que designers e empresas possam usar para desenvolver produtos inclusivos para pessoas com Atrofia Muscular Espinhal. Neste sentido, como principal contribuição destaca-se a identificação de problemas nas embalagens de desodorantes no Brasil e na proposição de diretrizes que designers e empresas podem adotar para desenvolver produtos mais inclusivos para pessoas com Atrofia Muscular Espinhal (AME).

Em adição, verifica-se o potencial de estudos futuros a partir dos resultados desta pesquisa. Dentre eles, destaca-se a possibilidade de aprofundar a análise das barreiras específicas enfrentadas

por pessoas com AME ao interagir com embalagens de diferentes tipos de produtos, ampliando assim o escopo de inclusão e acessibilidade em várias áreas do mercado de consumo. Além disso, estes estudos contribuirão para a contínua melhoria da inclusão social e da qualidade de vida desse grupo de indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2015.

BOGDAN, R. S.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12.ed. Porto: Porto, 2003.

FRASCARA, J. 2004. **Communication design: principles, methods, and practice**. New York: Allworth Press

GONÇALVES, Alex; PASSOS, Marcelo; BIEDRZYCKI, Aline. **Percepção do consumidor com relação à embalagem de alimentos**: tendências. Estudos tecnológicos, v. 4, n. 3, p. 271-283, 2008.

LEVENTHAL, Laura; BARNES, Julie. 2008. **Usability Engineering: Process, Products and Examples**. New Jersey: Pearson Education, Inc.

MACE, Ronald. **Universal design**: housing for the lifespan of all people. Rockville, MD: Department of Housing and Urban Development; 1988.

MARTENS, Karel. **Designing Accessibility Instruments**: Lessons on Their Usability for Integrated Land Use and Transport Planning Practices. New York, Routledge, 2019.

SANTOS, Cláudia. **Acessibilidade e inclusão para pessoas com deficiência visual**: A escassez de embalagens inclusivas para cosméticos no Brasil. Trabalho de conclusão de curso (graduação - Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47502>>. Acesso em: 11 de mai. 2023.

SARKÖZY, Marta. **O processo criativo do design gráfico**: embalagem. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/4892>>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

SILVA, Francielly; RODRIGUES, Julia; BRITO, Rômulo; MACEDO, Thaisa; BORGMANN, Andrea. Intervenção Fisioterapêutica na Atrofia Muscular Espinhal: Uma Revisão Bibliográfica. **Revista Neurociências**, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.34024/rnc.2021.v29.11029..>>. Acesso em: 09 de mai. 2023.

SIMÕES, J; BISPO, R. **Design Inclusivo Acessibilidade e Usabilidade em Produtos, Serviços e Ambientes**. Manual de apoio às acções de formação do projecto Design Inclusivo – Iniciativa EQUAL. 1ª edição da Divisão de Formação da Câmara Municipal de Lisboa, 2003.

SELLTIZ, C. WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

TEIXEIRA, E. B.; ZAMBERLAN, L.; RASIA, P. C. **Pesquisa em gestão pública**. Ijuí: Ed. Unijuí. 2009. 172 p. (Coleção educação a distância. Série livro-texto). .

VALERIANO, Matheus. **A atrofia muscular espinhal e a urgência na criação de normas que protejam a dignidade do paciente**. TCC (Curso de direito) - da Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4759>>. Acesso em: 09 de mai. 2023.

ZITKUS, Emilene. Barreiras à adoção do design inclusivo na prática do design. **Ergodesign & HCI**, v. 4, n. 2, p. 40-47, 2016.